EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA EM VISTA DO MULTICULTURALISMO

Ijaelson Clidório Pimentel (1); Antônio Araújo de Souza (2); Nayron Medeiros Soares (3); Rosiêne Vieira da Silva (4)

(1) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras-FAFIC
E-mail: ijaelson@yahoo.com.br

(2) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras-FAFIC
E-mail: peantonioaraujo@outlook.com

(3) Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
E-mail: nayronn@gmail.com

(4) Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
E-mail; rosieneeu@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, reflete-se, sobre a necessidade de uma educação democrática, levando em consideração o fenômeno da globalização que altera os valores, éticos, morais e sociais requerendo, assim um pensar diferenciado nas metodologias educacionais em vista de uma transformação humana integral capaz de desconstruir os padrões eurocêntricos de privilégios e abrindo-se para considerar a diversidade, dialogando escola, sociedade e cultura em vista de uma construção de um saber multicultural. Contudo para que aconteça uma mudança efetiva inclui em um primeiro momento uma renovação de currículo, seja os de nível superior que preparam os profissionais para uma atuação igualitária, seja do ensino básico no sentido de propiciar uma maior discussão e reflexão considerando as diferenças para que aconteça uma modificação de consciência em vista de uma transformação humana. A educação no contexto atual precisa propiciar ações que valorizem a pluralidade e a diversidade cultural local e igualmente uma permuta com os produtores de conhecimento como teatro, música e tantos outros meios. Levando em consideração que a aprendizagem é algo que se vai construindo na cultura, e por isso não se pode compreendê-la como algo pronto e acabado, mas tendo em vista o tempo e o espaço em que estudantes e profissionais estão inseridos, e com os quais reinventa-se novas perspectivas de aprendizagem, buscando respostas e significados diferentes, cultivando os valores do respeito, da solidariedade e da alteridade, para que tanto o aluno sinta prazer em buscar conhecer como o professor perceber o agradável encanto em mediar o conhecimento.

Palavras-chave: Educação, pós-modernidade, multiculturalismo, transformação.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos abordar algumas considerações acerca da educação em uma sociedade pós-moderna é que é antes de tudo perceber a intrínseca ligação que se estabelece em um

contexto cultural em vista de responder a um determinado objetivo em um território, levando em consideração as constantes transformações e heterogeneidade da sociedade.

O trabalho assinala para uma educação pensada não somente numa perspectiva democrática participativa, mas levando em consideração o multiculturalismo que perpassa toda a vida do cidadão nos seus vários aspectos, implicando, assim não somente em uma transmissão de conhecimentos, mas no construir uma nova sociedade, que passará sem sobra de dúvida pelo caminho do diálogo cultural, isto é, a escola da atualidade não pode se auto afirmar-se como a única transmissora de conhecimento ou formadora exclusiva, como em décadas passadas, mas deve aparecer como uma soma e sistematização de conhecimento dentre tantos meios promotores de informação na atualidade.

Nessa perspectiva a escola desse tempo deve abrir-se as novas possibilidades culturais do seu território onde está inserida, como a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da escola com produções e produtores de cultura na sociedade. Esses poderão serem caminhos que não determinam nem engessam o jeito de fazer educação, mas que poderá criar possibilidades de responder as indagações de uma educação para esse tempo, isso é, um caminho viável, é o que considera e que aproxima; cultura, sociedade e escola.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do presente trabalho foi resultado de uma pesquisa bibliográfica, a mesma caracteriza-se por ter os dados disponíveis em diferentes tipos de materiais em língua portuguesa.

A análise foi desenvolvido no método qualitativo, tendo como base de dados; leituras, debates em grupos de estudo e discussões de livros como: Educação como prática da liberdade (1999), A identidade Cultural na Pós-modernidade (2006), da Diáspora (2003), os quais propõem uma educação em vista de uma transformação social. Na perspectiva da pós-modernidade: Globalização, democracia e terrorismo (2007), Salto para o futuro: reflexões sobre a educação no

próximo milênio (1998), Gênero, sexualidade e educação (2004), que trabalham a educação em vista de um multiculturalismo em uma período de capitalismo global de inversão de valores.

O trabalho foi desenvolvido no período de janeiro a julho de 2015, distribuído em leituras, fichamentos, confrontos de dados com a realidade escolar e redação do referido artigo. A base de dados analisa e visa evidenciar a necessidade e desafios de uma educação voltada para transformação do indivíduo e da sua realidade.

Educação, pós-modernidade, multiculturalismo, transformação, democracia, currículo, diversidade, foram palavras-chaves que nortearam a pesquisa bibliográfica, no sentido de analisar em profundidade o tema da democracia em vista do multiculturalismo em profundidade e abrindo horizontes para discussão e novas possibilidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação e democracia

Seria a educação chamada democrática a saída para responder os apelos educacionais em uma cultura moderna? Talvez seja esse o grande questionamento dos educadores, gestores e família, contudo se faz necessário compreender a ideia de educação democrática propagada pelos teóricos educacionais, e as políticas adotadas pelos governos e como elas se estabelecem na prática.

Parece ser bastante aceito a tese de que a educação em estilo democrático responde aos ideais modernos. O entrave, reside, portanto no fato de que para formar cidadãos democráticos precisa-se, antes ter assimilado a ideia de democracia e estar dispostos a descontruir, valores encucados de modelos imperialista, uma vez que, a educação democrática "[...] deveria preparar todos os adultos numa sociedade para participarem deliberativamente como pessoas politicamente iguais, na formação do futuro de sua sociedade. A reprodução consciente é o ideal tripartite da educação democrática e da democracia." (SHAUGHNESSY et al, p. 116) Deste modo, a educação só poderá ser democrática quando partindo de uma sociedade, também democrática inserindo em suas práticas, ações não somente libertadoras, mas transformadora.

Nessa perspectiva a educação democrática pensa o todo da sociedade e pensar o todo, não significa elaborar ou criar um modelo padrão, mas levando em consideração a diversidade religiosa,

racial, gênero, étnica e tantos outros aspectos da identidade de uma sociedade pós-moderna. Esse modo de fazer educação implica uma educação não apenas tecnicista, que prepara exclusivamente para o exercício de uma profissão, mas requer uma maior concentração de recursos, para que se possa conhecer melhor cada estudante, fazendo que a educação seja de fato libertadora e não apenas transmissora de conceitos, sem provocar um nexo com suas vidas. Nesta miragem de ensino [...] "o ponto importante para mantermos em mente é que faremos mais progresso em educação se não procurarmos por uma solução imediata ou por uma 'panaceia'." (SHAUGHNESSY et al., p.121)

O ponto de partida da educação democrática deve ter como base a diversidade para que a mesma aconteça de forma igualitária e justa, por isso a chamada reformulação de currículo deve ser repensada ou "o estimulo ideal de respeito iguais reque uma educação integrada, onde crianças aprendam com crianças diferentes, gênero e bagagem culturais. Esse é o melhor modo de ensinar o respeito mútuo e a compreensão entre futuros cidadãos". (SHAUGHNESSY et al., p.125)

Outra perspectiva, é que o modo de fazer educação democrática reque a habilidade de trabalhar em equipe, nesse sentido exige antes de tudo do profissional uma mentalidade aberta fundada na imparcialidade e respeito a diversidade, libertando-se das concepções preconceituosas e ainda percebendo o mundo do conhecimento com várias possibilidades de respostas não somente o que o professor idealiza como certo, desconsiderando a possibilidade criadora e inovadora do aluno, que poderá elaborar sua resposta a partir de sua própria vivencia de realidade.

A educação democrática, apesar de tão falada e cogitada nos meios educacionais, porém ainda não tem se tornado uma realidade de foto na maioria dos mentores da educação? A essa dúvida pode-se encontrar muitas justificativas, contudo parece bastante viável a hipótese de que uma educação democrática não corresponde aos anseios de uma sociedade capitalista neoliberal, que quer resultados imediatos, de formação apenas técnica, voltada para a produção que exige um aprender para ontem, não promovendo, a formação humana, apesar de cobrá-la posteriormente nas relações de trabalho, sobretudo.

Um dos grandes pedagogos que pensou a educação como veículo de transformação, libertação visando uma maior emancipação do ser humano no seu conjunto de relações sócias e com o meio que está inserido. Em vista disso descreve o modo antidemocrático de fazer educação e que estamos acostumados de maneira especial falando do contexto educacional brasileiro, afirma:

> Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (FREIRE, 1999, p. 104).

Nesse sentido, percebe-se que a educação tem valorizado em muitos momentos, um modo de fazer educação um tanto bancária valorizando o método de educar nos padrões eurocêntrico, que privilegia a cultura branca, masculina e cristã, sendo assim, justificadora das práticas autoritárias e de exclusão das minorias sociais, negando, portanto uma fomentação de que essas passam assumir uma posições igualitárias.

Outro dado que fere o princípio de uma educação democrática é que nas últimas décadas com as políticas globais neoliberais a formação humana tem se voltado para atender a demanda do mercado anulando a escola do seu papel de transformação, sem levar em consideração o conjunto emocional, social e cultural do indivíduo. Pois uma educação que leve em consideração o contexto social, político e afetivo do estudante, não é salutar para o estado por que leva mais tempo para se formar o cidadão, implicando em um maior investimento econômico, algo que não condiz com a política do mercado capitalista global. Além do mais correria o risco do sujeito não ser adestrado segundo o estabelecido como se exige o mercado (não tendo uma boa preparação, segundo a economia).

A educação imediatista é bastante notória na forma estabelecida na ideia da ‘não reprovação’ é certo que a expressão é carregada de significado pejorativo, contudo a grande preocupação dos dirigentes não é com a formação do cidadão em si, mas muito mais com a diminuição de gastos e a comprovação de números que o mercado exige para se ter maior investimento. Esses são dados que de certa forma barram a democratização da educação.

A concepção de educação voltada para a democracia, confronta-se com as políticas neoliberais, uma vez que, o diferente tornou-se uma ameaça a economia de padronização cultural, de forma que “a disseminação da democracia agravou conflitos étnicos e produziu a desintegração de países em regiões multinacionais ou multicomunitárias, tanto depois de 1918 quanto depois de 1989, o que nos dá uma perspectiva desanimadora” (HOBSBAWM, 2007, p. 119).

O discurso de uma política global do neoliberalismo capitalista, afirmando-se como democrático, mas na prática, há uma hegemonia de poucas potências que tomam as decisões sem consulta aos demais nações. De forma que, a democracia funciona como slogan de algumas supremacias com reconhecimento mundiais na tentativa de atingir seus objetivos econômicos e políticos.

Essa visão capitalista neoliberal reflete, também no modelo educacional, trazendo implicações nos estudantes, como o dilema se serão considerado entre os capacitados ou não para o mercado, mas igualmente na família em cobrarem das escolas um rendimento mecânico e profissional, sem muito compromisso com a transformação humana no seu conjunto.

Neste sentido, além do exercício de práticas que não traduz a vida do estudante, isto é, uma aprendizagem inserida na realidade, afirmamos a família que os melhores são os que conseguem as melhores notas, por exemplo, desconsiderando os outros que não atingem tal padrão, inclusive os que são portadores de necessidades especiais, como déficit de aprendizagem por fatores psicossociais. Desta forma evidencia-se que a educação democrática se faz em conjunto, precisando-se não somente de profissionais empenhados, mas de estruturas que na prática, favoreçam formação voltada para contemplação da diversidade. Entende-se então como educação cidadã: “a escola cidadã é realmente uma nova escola, gestora de conhecimento, não lecionadora, uma escola com projetos eco político-pedagógico, isto é, um projeto ético, uma escola inovadora, construtora de sentido e plugada no mundo”. (BRASIL NO LIMIAR DO SÉCULO XX, 2000, p. 302).

Uma escola capaz de superar os ideias do tecnicismo e busca trabalhar de forma humanística, que percebe o ser humano no seu contexto e não apenas em vista do exercício de uma função de mercado, ou seja

> Daí a necessidade que sentíamos e sentimos de uma indispensável visão harmônica entre a posição verdadeiramente humanista, mais e mais necessária ao homem de uma sociedade em transição como a nossa, e a tecnológica. Harmonia que implicasse na superação do falso dilema humanismo-tecnologia e em que, quando da preparação de técnicos para atender ao nosso desenvolvimento, sem o qual feneceremos, não fossem eles deixados, em sua formação, ingênua e acriticamente, postos diante de problemas outros, que não os de sua especialidade (FREIRE, 1999, p. 97)

Esse atrofiamento em vista de um conhecimento abrangente é inegável no Brasil, especialmente no ensino médio, o qual tem sido direcionado à prova do ENEM. A técnica faz com que os sistemas educacionais empreguem um caminho de busca do conhecimento bastante simples, que poderá ser construído em um ano, seis meses, onde a formação humana é medida unicamente pela aprovação ou reprovação no referido exame, mas de fato, não se pode prever nem sequer um verdadeiro desenvolvimento.

Essas pessoas serão sempre executoras e nunca criadoras, porque não terão desenvolvido nem uma inteligência problemática perante a cultura que estão inseridos, nem uma consciência de si, nem um sentido moral, que se adquire com a literatura, a filosofia, a sociologia e a arte, isto é, as dimensões humanistas que parecem em grande degradação no contexto atual, mas que são condição indispensáveis para a formação do homem e não apenas de um bom técnico.

Faz-se necessário portanto despertar uma ensino emancipador do estudante e [...] “tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma dominantemente crítica” (FREIRE, 1999, p. 97). Não sendo assim uma transmissora de conhecimento alienado, mas transformadora e capaz de mudar a realidade que o estudante está inserido.

Diálogo: Escola, Sociedade e Cultura em vista de uma educação multicultural

Em uma sociedade de constante mudança se faz necessário um diálogo permanente para que aconteçam verdadeiras mudanças de pensamento e comportamento. No entanto, referindo-se educação não se pode pensar uma exatidão de currículo, onde tudo deve ser cumprido de forma padrão e generalizada, em outras palavras, seria descontruir na educação as ideias estáticas e que tudo está pronto e de que não há mais nada para se estabelecer ou de que os nossos estudantes devem serem apenas aceitadores das grandes descobertas e da exatidão, apresentadas de forma que, a única coisa que resta a fazer é reproduzir. Uma educação, portanto pensada em vista de um diálogo com o mundo multicultural, requer supera a ideia moral do correto e da perfeição, e aprender a conviver com as incertezas que a cultura moderna apresenta. Ou seja:

> O dogma do determinismo universal foi superado. O universo não está mais submetido à soberania da ordem, ele é campo de uma relação dialógica (ao mesmo tempo antagônica, concorrente e complementar) entre a ordem, a desordem e a organização. Esses três elementos estão constantemente em ação e serão eles que nos oferecerão diferentes caminhos possíveis, diversas soluções e infinitos recursos para resolver os problemas que se apresentam. (REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO PRÓXIMO MILÊNIO, 1998, p. 18).

Essa forma de pensar a educação desconstrói os modelos tradicionais de fazer educação que os atores envolvidos estão acostumados, como um livro didático pronto, usar sempre as mesmas aulas dos anos anteriores sem levar em consideração a realidade e mudanças de identidades e as questões sociais como inclusão, entre outras. Nesse sentido seria inviável pensar uma construção de saber a partir de uma disciplina isolada, mas [...] "uma metodologia baseada na interdisciplinaridade, na qual o professor seja um elemento mediador do conhecimento, exercitando a pesquisa de novos saberes, em sintonia com as necessidades dos tempos atuais." (REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO PRÓXIMO MILÊNIO, 1998 p. 19).

Promovendo, assim uma educação que não apenas reproduz e cristaliza conhecimento, mas que questiona e desperta um pensamento crítico em torno do próprio conhecimento construído e da grande massa de conhecimento que são bombardeados o tempo todo pela mídia.

Numa educação de diálogo com o mundo, um principal elemento cultural a ser valorizado são os costumes locais, que muitas vezes tendem a serrem esquecidos e desconsiderando. Nesta lógica é indispensável considerar a localização da escola como um espaço vivo e carregado de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos e não somente dos estudantes, mas sua família nos vários sentidos da vida. Em outras palavras, podemos dizer que a escola precisa fazer a ponte de conhecimento entre o patrimônio cultural e a cultura ao entorno daquele determinado bairro ou cidade que situa-se a escola.

Uma outra inquietação que precisa ser desafiada neste contexto de diálogo escolar é a questão do currículo, que nem sempre é pensado de forma que valorize a cultura local, portanto, cabe aos educadores, pensar a metodologia de transmissão de terminados conhecimentos. Um exemplo disso é o ensino étnico-raciais proposto de forma muito tímida ainda nos livros didáticos. É neste aspecto que adentra a missão do professor em encontrar metodologias de trabalho que

abordem as questões étnicas partindo da própria realidade, sem folclorismo e sem criar estigmas a determinadas expressões culturais, mas propiciar ações que valorizem a pluralidade e a diversidade cultural local e igualmente uma permuta com os produtores de conhecimento como teatro, música e tantos outros campos promotores de conhecimento.

Diante de tal panorama questiona-se a certa da formação multicultural nos currículos das universidades que preparam professores para atuarem nessa perspectiva. A Lei 10.639/2003, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas e depois ampliando a obrigatoriedade no que diz respeito à história da cultura indígena, significou avanço no modo de pensar a educação democrática, contudo as estruturas curriculares dos cursos universitários pouco se alterou no sentido de oferecer um maior preparo e para uma maior efetivação de políticas educacionais multicultural que promovam a diminuindo das diferenças, sociais, culturais e étnica, ampliando a busca por uma educação de maior inclusão e transformação social.

Neste sentido a aplicação prática do ensino de história da África e Indígena, ainda tem funcionado de forma tímida nas escolas e o desrespeito à diversidade ainda é uma realidade, uma vez que, a desconstrução de um pensar etnocêntrico construído em séculos, necessita de um significativo empenho, formação, adesão e transformação que se constrói na história. Assim precisa-se estar atentos as várias desigualdades que se acentuam na sociedade e ambiente escolar, contudo

> As desigualdades só poderão ser percebidas — e desestabilizadas e subvertidas — na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas (LOURO, 2004, p. 121)

A proposta de uma educação multicultural passa pelo víeis da sensibilização de todos os agentes envolvidos; os que estão se preparando para o a função de educadores para poder desenvolverem práticas cuidadosas referente as questões da diversidade cultural em sala de aula e igualmente a formação e discussão a respeito do tema, para os professores que já estão em exercício de suas funções. Uma vez que, trabalhar na linha do multiculturalismo requer não somente um

conhecimento teórico, mas um aperfeiçoar constante de pedagogias que favoreçam um diálogo entre escola, sociedade e cultura. Pensar, portanto, uma educação multicultural, não quer dizer repensar práticas apenas no âmbito do ensino fundamental ou médio, mas um repensar as estruturas curriculares de alguns curso que prepara profissionais para atuarem na educação, não tratando de forma isolada e acabada, mas percebendo que a formação intelectual, é intrínseca a cultura e esta é diversa e dinâmica, como enfatiza Stuart Hall:

> A cultura e uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não e uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não e uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (2003. p 44).

Educar em um mundo pós-moderno, passa pelo campo de compreensão de que a escola não é a única detentora de saber e de conhecimento. Escola e educadores precisam saírem do pedestal e perceberem que terão estudantes que poderão saberem mais que o professor em determinado campo e nem por isso ele é um profissional despreparado ou fracassado, pois existem vários outros caminhos de busca e construção do conhecimento e que ao invés de desconsiderar esses meios a escola precisa saber dialogar com esses locais, equipamentos e grupos que promove a cultura do conhecimento. Uma aliança com esses meios não diminuirá em nada a função da escola, ao contrário, trará um impacto bastante positivo na formação dos estudantes.

Esse diálogo com os meios que promove educação fora dos muros da escola é indispensável, onde a questão da identidade não parte de princípios articuladores universais e únicos, como bem afirma Stuart Hall:

> A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas veze, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de um bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma”. (HALL, 2006, p. 17).

A sociedade pós-moderna, produz identidades não estáticas, mas abertas, assinadas pela diferenças, essas se expressam também na busca do conhecimento, passando a considerar outros meios que não seja a escola como fonte de conhecimento, tantas vezes, muito mais atraente que a escola. Por isso, mais do que em qualquer outro época o diálogo entre escola sociedade e cultura se faz necessário, para não dizer indispensável.

Algo um tanto difícil a princípio, uma vez que, estamos acostumados a nos colocarmos como peça única da educação, somos como que o Rei no jogo de xadrez, pensando que se a escola fechar não existiria mais conhecimento, no entanto isso não é bem verdade. Em uma sociedade pós-moderna, como já foi dito, há inúmeros caminhos de construção do conhecimento. Se faz necessário, portando dialogar com o que muitas vezes era absurdo e desnecessário para a educação, como a questão das raças, das religiões afro-brasileiras, as expressões e modo de vida dos povos indígenas, os novos modelos de famílias, com certeza uma educação democrática de fato, passa pelo víeis do diálogo extra disciplinar e abre-se as novas possibilidades culturais de uma sociedade em mudança constante.

CONCLUSÃO

Mediante o que analisamos, conclui-se que não há um modelo próprio e estabelecido para elaborar uma metodologia de ensino em uma cultura pós-moderna universalizada. Seria um despreparo dizer que tal método é mais eficiente e por isso responde as inquietações de ensino hoje, uma vez que, vivemos em uma sociedade de identidade diversificada, heterogeneidade cultural e social, bastante plural, realidade essa notório mesmo em um estado, cidade, territórios denominados pequenos.

A pós-modernidade com o fenômeno da globalização altera-se os valores éticos, morais, sociais, onde muitos não sabem lidar com tais mudanças, como; o modelo familiar patriarcal alterado, a disciplina como punição faliu, as verdades ensinadas pelos professores como dogmas, são questionáveis, os valores religiosos deixam de serem absolutos, as fontes de busca de conhecimento foram ampliados, não sendo somente os livros e o professor os detentores de

conhecimentos. São mudanças que desconstrói todo o imaginário sólido e requer do profissional da educação um reinventar do seu papel sem deixar de ser quem o é de fato.

Nesse perspectiva afirma-se que a aprendizagem é algo que se vai construindo, e não se pode compreender como algo pronto e acabado, mas levando em consideração o tempo e o espaço em que estudante e profissionais estão inseridos, com os quais iremos reinventando novas metodologias de trabalho na tentativa de respostas diferentes e diferentes significados, cultivando, assim os valores do respeito, da solidariedade e da alteridade, para que tanto o estudante sinta prazer em buscar conhecer e igualmente o professor a sensação de prazer na mediação do conhecimento.

Enfim, somos de opinião, que fazer educação na era pós-moderna trata-se do inserir a dimensão do "Eros" na educação, isto é, despertar a energia do prazer no aprender, no ato de construí saberes, pois a prática do estudo tem sido assinalada pela ideia de sofrimento, do cansaço, do tédio, do chato e quase nunca, do prazer, do apaixonar, causando, assim um desvincular com a vida e um desencantamento, uma vez que, construir passa pela dimensão do encantar-se, apaixonar-se, enamorar-se pelo que queremos, isto é, acreditamos que precisamos despertar o "Eros" na educação como força unificadora, como pensava os gregos antigos, principalmente Parmênides.

REFERENCIAS

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. ***A identidade Cultural na Pós-modernidade***. Trad: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro.11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

_____. *Da diáspora:* identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad: Adelaine La Guardia Resende, et all. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ROBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo.* Tradução: José Viegas. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SALTO PARA O FUTURO: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO PRÓXIMO MILÊNIO. Brasília: SEED, MEC, 1998. (vol. 6).

SHAUGHNESSY, Michael F. et al. *Filosofia, Educação e Política. Tradução:* Pedro Fernando Bendossolli. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.